

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA | NA COMPANHIA DE WILLIAM GREAVES
22 e 27 de outubro de 2025

Souls of Sin / 1949

Um filme de POWELL LINDSAY

Realização: Powell Lindsay / *Argumento:* Powell Lindsay / *Direção de fotografia:* Louis Andres / *Montagem:* Walter Cruter / *Interpretação:* Savannah Churchill (Regina), Jimmy Wright («Dollar Bill» Burton), Billie Allen (Etta Mason), William Greaves (Isaiah «Alabama» Lee), Emory Richardson (Bob Roberts), Louise Jackson (Senhora Sands), Powell Lindsay (Bad Boy George), Charlie Mac Rae (Mac), Bill Chase (editor de jornal), Jessie Walker (Cool Breeze).

Produção: William Alexander / *Produtoras:* Alexander Productions / *Cópia:* 35mm, em preto e branco, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 63 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

A cópia que vamos exibir apresenta sinais de desgaste, nomeadamente riscos, uma vez que se trata de uma antiga cópia de circuito comercial, havendo partes em que se verificam pequenos «saltos» relativos a perdas de alguns fotogramas. Pelo facto, pedimos as nossas desculpas.

Souls of Sin é exemplo de um dos últimos, se não mesmo o último (se não se contar com **Carib Gold**, realizado por Harold Young e estreado em 1957), dos «race films». Eram filmes cujo público-alvo era a comunidade afro-americana, normalmente com elencos compostos por atores oriundos dessa comunidade e com temas orientados para serem vistos por esse público, em cinemas segregados. Eram também, em geral, produzidos por pequenas produtoras independentes negras, mas não só. A ideia por detrás do «race film» era contrariar os estereótipos e as representações regressivas habituais, na cultura dominante americana, apresentando retratos mais autênticos.

O filme é de Powell Lindsay, que começou, tal como William Greaves, como ator, antes de se dedicar à realização. Frequentou a Yale University School of Drama, onde começa a manifestar a sua frustração com as limitações inerentes a papéis disponíveis para afro-americanos. O seu trabalho, quer no teatro como dramaturgo quer no cinema como realizador, foi sempre no sentido de construir narrativas que espelhassem retratos realistas da vida e da comunidade afro-americana. O próprio William Greaves identificou um desejo semelhante como a razão para passar para o outro lado da câmara. Segundo Mark A. Reid, no capítulo «The Black Gangster Film» de *Film Genre Reader III*, as produções cinematográficas de William Alexander no final da década de 1940 e a sua colaboração com Powell Lindsay (da qual resulta **Souls of Sin**) acabaram por marcar o fim das produtoras de cinema controladas por afro-americanos da época – e do tipo de filmes a que se dedicavam. A «black social realist ideology» de Lindsay (identificada por Mark A. Reid e partilhada por Alexander) foi algo que o realizador trouxe para este filme, retratando razões pragmáticas que poderiam levar um indivíduo a recorrer ao crime para melhorar a sua posição socioeconómica. Como argumenta Reid, em **Souls of Sin**, como em **Native Son** (Richard Wright,

1940), o que são condenados são os fatores sociais, e não falhas ou defeitos individuais, que conduzem alguém a fazer as escolhas inadequadas.

O que leva Dollar Bill a tentar formas fáceis e rápidas de (sentir que está a) subir na vida são as frustrações dos seus sonhos e dos sonhos das pessoas à sua volta, não um modo de sair da «jungle» onde se sente aprisionado. A sua resposta aos esforços do escritor Roberts e Isaiah «Alabama» Lee, o cantor de *blues* protagonizado por William Greaves que atua em vários momentos musicais ao longo do filme (como *Disappointment Blues* e *Lonesome Blues*), é uma amargura e uma autopiedade que disfarça com o aprumo com que se veste e com o orgulho que revela e que vai atijando. O seu *métier*, contudo, não é a literatura ou a música, mas o jogo, algo que Bill gostaria de aperfeiçoar como uma arte. Todavia, os tempos em que era bem-sucedido – e uma celebridade de bairro, generosa com os seus ganhos – parecem longínquos. Quando se junta ao mafioso Bad Boy George (protagonizado pelo realizador) e cobiça a sua namorada, Regina, o seu futuro trágico é tão certo quanto o de uma peça grega.

Dollar Bill é, desde o início, representado como um herói trágico que devido às circunstâncias e à sua *húbris* não só não consegue o sucesso que tenta encontrar, mas morre devido às suas ações ilegais. Esse posicionamento sentimo-lo logo na abertura da obra, filmada de modo quase documental, que nos coloca no coração de Harlem, onde um homem sem a roupa apropriada para o vento e para o frio entra num edifício. O homem é identificado como Bill, alguém apanhado no vórtice magnético de uma «poverty-ridden street». Porém, também são dadas a sentir a simpatia e a bondade sincera que mostra aos seus colegas de quarto, pois Bill não é um homem nem completamente virtuoso nem cruel, dado que qualquer bom herói trágico deve ter tanto de nobre como de menos nobre. Também os homens imperfeitos podem ser representados como admiráveis, porque é na dinâmica entre nobreza e *húbris* que se tecem as linhas da sua ruína.

Apesar de os seus companheiros conseguirem todos, de um modo ou de outro, sair das circunstâncias que prenderam Bill a um destino fatídico, o filme mantém esta ideia de uma teia caótica capaz de encurralar. O realismo social embutido em todo do filme manifesta-se ainda no final, quando Roberts – a personagem fictícia que parece falar com a voz autoral de Powell Lindsay – finalmente recebe a primeira proposta de trabalho pago como escritor. Inicialmente rejeita o editor sensacionalista, dizendo apenas considerar a hipótese de aceitar se as histórias que escrever forem não sobre a natureza romântica e trágica da morte de Bill, mas sobre as condições económicas, sociais e de discriminação que, inevitavelmente, levaram ao fatídico desfecho. Isto será feito, claro, em homenagem a Dollar Bill, tal como Alabama o homenageou na sua *performance* televisiva.

Mark A. Reid concluiu a sua apreciação de **Souls of Sin** enquanto «black gangster film» escrevendo que este é «a fitting close to the era of the black gangster film before the sixties», por ser, simultaneamente «socially conscious and entertaining». Na «jungle» que partilham, as personagens ouvem na rádio o anúncio de como o (real) jogador de futebol americano negro, Levi Jackson, se tornou capitão da equipa de Yale. A cultura dominante americana começaria, a pouco e pouco, a integrar a comunidade afro-americana.

Ana Cabral Martins